



# Formação ajuda empresas a renovarem-se

**Empresas e escolas nunca estiveram tão unidas. As primeiras atravessam transformações profundas que exigem recursos humanos preparados para competir num mercado global. As segundas redesenham soluções formativas para responder a essas necessidades.**

As empresas nacionais procuram ajustar-se aos novos condicionais do mercado, atravessando em muitos casos transformações profundas, que lhes permitam tornar-se mais ágeis e internacionais, e mais eficazes na utilização dos seus recursos. E cabe às escolas dar resposta a estas necessidades, numa altura em que “a crise tem levado as empresas a ser mais criteriosas em todos os seus gastos”, diz Sofia Salgado Pinto, da Católica Porto Business School, “e a formação não é exceção”. No entanto, e ao contrário do que se poderia pensar, a maior racionalização dos montantes destinados à formação provocou, segundo esta responsável, uma procura acrescida de programas in company. Nas empresas

os orçamentos são otimizados, permitindo uma melhor customização dos conteúdos, metodologias e dinâmicas de ensino-aprendizagem, às necessidades de cada grupo de colaboradores.

E as escolas procuram corresponder ao desafio, fazendo também significativos investimentos no desenho de soluções formativas que permitem dar resposta aos desafios que as empresas enfrentam, “apoando ao máximo as suas transições, de uma forma eficiente, minimizando ansiedades, e evidenciando as oportunidades que estas mudanças trazem”, explica Nadim Habib, da Nova SBE. Muitas escolas têm relações de décadas com determinadas empresas, o que lhes dá um conhecimento profundo das

suas debilidades em cada momento e a possibilidade de criarem programas desenhados ao milímetro para as colmatar. “A nossa relação próxima com as empresas permite que acompanhem mudanças e antecipemos necessidades, quer ao nível dos conteúdos, quer dos formatos da formação”, realça Sofia Salgado Pinto.

## Organizações querem resultados rápidos

Hoje perde-se menos tempo com matérias muito teóricas e concentram-se esforços nas necessidades específicas de cada organização. É preciso oferecer “programas relevantes e de vanguarda”, diz Ana Paula Serra, da Porto Business School, para ajudar as empresas a vencer num ambiente competitivo cada vez mais complexo e exigente. “Trabalhamos para e com as empresas”, assume a responsável da escola, que se orgulha de transformar organizações há 25 anos. Esta experiência vale à Porto Business School um lugar entre as 65 melhores escolas de negócios do mundo no ranking dos programas customizados do Financial Times, e em que o nível de satisfação das empresas foi um dos critérios que registou a maior subida em relação ao ano anterior. Programas altamente customizados permitem às organizações alinhar as suas equipas e acelerar a implementação das estratégias, conseguindo resultados mais rápidos, num mundo em que a agilidade e a antecipação são fundamentais para vencer.

## Empresas pagam formação a parceiros

As organizações já não compram apenas programas para os seus executivos. Pagar formação a parceiros de negócio já é uma realidade.

Nos últimos anos as empresas começaram a solicitar também programas que ajudem a desenvolver as competências de gestão dos seus parceiros de negócio, quer sejam clientes, fornecedores, distribuidores ou franchisados. “As empresas percebem cada vez mais a formação como um investimento diferenciador e de elevado retorno, seja quanto estão a investir nos seus próprios quadros, seja quando estão a investir nos gestores dos seus parceiros de negócio, pois isso reforça a sua própria competitividade”, explica Luis Cardoso. A Católica-Lisbon já desenvolveu este tipo de programas para a Delta Cafés, Mercedes e McDonald's, entre outros. Uma tendência que se começa a ganhar terreno nesta área da formação customizada, cada vez mais importante para escolas e empresas.



# 6 atitudes do colaborador do futuro

Já não chega ser bom na sua área, dominar o inglês e estar sempre disponível. Cada vez mais as empresas valorizam outro tipo de argumentos.

## 1.º Gerir o conhecimento

O segredo está em antecipar-se, e continuar a apostar na sua formação. Estudar para preencher alguns buracos que tem na sua formação. Quem se acomoda, morre.

## 2.º Ter uma visão generalista do negócio

Ser especialista em determinada área é um bom princípio nos dias que correm, mas não fique por aí. A esse conhecimento que mais ninguém tem na sua empresa, junte outros que o tornarão ainda mais indispensável. A experiência em várias áreas funcionais, em diferentes sectores de actividade é muito valorizada, diz Margarida Lousada, da Ray Human Capital. Um bom colaborador é aquele que percebe todos os impactes que uma decisão pode ter em outras áreas da empresa, e como limar algumas arestas em outros departamentos pode ajudar a melhorar o desempenho do seu.

## 3.º Estar aberto à diversidade

Para quem ainda não tinha percebido a real vantagem do investimento que fez no Erasmus, aqui está a solução. A globalização, e em Portugal a crise, que obrigou tantas empresas a internacionalizarem-se quase à força, tornou crucial saber

lidar com outras culturas. É preciso respeitar as diferenças e conseguir negociar e trabalhar com pessoas diferentes.

## 4.º Saber trabalhar em equipa à distância

É uma prática já comum nas grandes empresas o trabalho remoto em equipa, em que pessoas de vários países trabalham em conjunto. As novas tecnologias facilitam muito este processo, mas é importante perceber que exige muita disciplina, organização e disponibilidade.

## 5.º Estudar novos idiomas

O inglês é básico e o espanhol e o alemão começam a ser muito usados. Mas se quer realmente estar preparado para todas as oportunidades, inscreva-se num curso de mandarim. E se há meia dúzia de anos poderia ter sérias dificuldades em encontrar um, hoje a oferta é mais ampla. Não perca tempo e inscreva-se. Mesmo que demore algum tempo até se tornar fluente, é importante entender o que se fala à sua volta – e como já deve ter percebido, os chineses não se esforçam muito em comunicar nas outras línguas.

## 6.º Testar o mercado

Uma boa forma de estar a par do que as empresas valorizam na sua área é responder a anúncios e ir a entrevistas. Não precisa de o fazer a toda a hora, mas pode encarar esta prática como um treino para estar à vontade nas entrevistas e preencher algumas lacunas que vá detectando nessas conversas.

## Quando fazer formação executiva

O investimento é grande, mas há alturas da carreira em que só um curso consegue levá-lo a um novo patamar. Margarida Lousada, da Ray Human Capital, deixa-lhe algumas pistas.

- . Já com 3 a 5 anos de experiência, com o objectivo de crescer na organização de um ponto de vista de responsabilidade de gestão e de liderança.
- . Em situações de reorientação profissional, sejam elas de mudança de sector de actividade, seja na perspectiva de mudança de uma carreira técnica para uma carreira de gestão.
- . Quando o objectivo é internacionalizar a carreira pode valer a pena o investimento num MBA nas melhores escolas de gestão, pois as grandes empresas vão aos campus procurar talento.
- . Uma situação de desemprego pode ser um bom momento para investir em formação executiva que aumenta significativamente as possibilidades (em grande medida pelo network que se estabelece) de voltar ao mercado de trabalho.